



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



LEITURAS DE INFÂNCIAS: UM RELATO DA ESCRITA DE CARTAS A PARTIR DE TEMAS PROPOSTOS EM CURTAS-METRAGENS

Júlia Victoria Casalinho

Rogério Costa Würdig

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Introdução

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a experiência que vem sendo desenvolvida na disciplina optativa “Leituras de Infâncias”, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, no modelo emergencial remoto¹. O intuito da disciplina é compreender o conceito de infâncias por meio de curtas-metragens que envolvem, dentre outras, questões sobre intolerância religiosa, questões étnico-raciais, questões de gênero, classe social e culturas infantis. A atividade proposta na disciplina até o momento, é a escrita de cartas sobre três destes temas para diferentes destinatários, com a finalidade de que as alunas se posicionem sobre eles.

A construção deste relato de experiência foi feita com base em como têm sido a organização e a minha participação na disciplina optativa. A indicação dos curtas-metragens e dos destinatários a que se pretendem as cartas é feita via plataforma e-aula². Após essa etapa, as alunas devem escrever suas cartas em até uma semana e postar na plataforma. A semana seguinte é destinada para a leitura das cartas das colegas e para os possíveis comentários acerca das produções. Ao final deste processo, são realizados momentos de debates síncronos (no horário das aulas) para que as alunas comentem sobre as suas escritas, sobre os curtas-metragens e sobre a complexidade de cada tema proposto, sempre com a orientação dos professores.

A escolha por trabalhar com este relato de experiência se deu em função das reflexões pessoais que têm surgido ao assistir os curtas-metragens, principalmente em

¹ A disciplina é ministrada pela prof^a Me. Rita de Cássia Tavares Medeiros e pelo prof. Dr. Rogério Costa Würdig, e está sendo ofertada no semestre 2021/1, no curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), no modelo emergencial remoto.

² Plataforma de apoio ao ensino remoto e presencial da UFPel.



função da responsabilidade que nós - alunas do curso de Pedagogia - temos em praticar ações pedagógicas que contribuam para uma educação crítica e respeitosa para e com as crianças. Além disso, a ideia se deu também pela relevância do diálogo realizado pelas alunas e professores nas aulas, que diversificam e qualificam os nossos olhares sobre as temáticas dos filmes.

Para a construção da primeira carta assistimos ao filme *Carnaval dos Deuses*, um curta-metragem que aborda questões sobre intolerância religiosa. No filme, algumas crianças preparam uma festa de carnaval na escola enquanto conversam sobre a impossibilidade de uma delas não poder participar em função da religião. A referida escrita foi uma experiência que mexeu muito com as memórias das alunas. Particularmente, recordei-me de minha proximidade com a religião católica, especialmente com as minhas memórias da infância, em que frequentava a igreja com uma de minhas avós. Na carta, pude expressar o quanto os laços afetivos foram os responsáveis pela minha presença na igreja.

Além disso, dissertei sobre a ideia de que a religiosidade está intimamente associada ao que nos conforta e nos dá coragem, e que as diferentes escolhas pela busca da fé jamais podem segregar e violentar as pessoas. E sobre esse tema as crianças são “doutoras”. Afirmei ainda que elas estão muito longe de ser puras e inocentes. Que são mesmo é sábias e corajosas por nos ensinar com muita naturalidade e determinação que todos os deuses e deusas importam, e que cabe a nós, adultas e professoras, respeitar e preservar isso.

A segunda proposta era escrever uma carta para uma professora comentando sobre o racismo, embasada em dois curtas-metragens: *O lápis cor da pele* e *Hair Love*. O primeiro mostra a busca incansável de um menino negro por uma pessoa que tenha a cor da pele igual a do seu lápis, que segundo a professora, tinha “cor da pele” (referindo-se ao bege claro). O segundo aborda a história de um pai aprendendo a cuidar do cabelo de sua filha negra e a determinação e autoestima da menina em querer que seu cabelo black power não seja escondido.

Ao comentar sobre os filmes, relatei a importância da representatividade das crianças negras e a nossa (não) participação disso nas escolas, além de comentar sobre o



quanto as crianças podem ser seguras e determinadas quanto às suas características, às suas raízes e às suas preferências, mas que se nada proporcionarmos a elas para que possam se sentir representadas e capazes de ser o que querem ser, podem facilmente se perder e desacreditar da potência que são.

Afirmar também que pouco adianta ler livros de literatura com personagens negros para as crianças e elogiar os seus cabelos crespos, se penduramos cartazes com fotos de crianças brancas numa sala em que metade dos alunos são negros. Dissertei sobre a necessidade de ter coerência entre o que se diz e o que se faz, e que é imprescindível termos posicionamento crítico na formação e na profissão docente, o que requer também ter posicionamento político. Afinal, não basta se emocionar com o conteúdo dos filmes e silenciar diante de um governo que se posiciona contra os direitos adquiridos das pessoas negras e que dificulta, por exemplo, o acesso deles e das pessoas menos favorecidas social e economicamente às universidades públicas. Afirmo, por isso, que a nossa ação pedagógica não pode ser neutra, seja na formação inicial ou na continuada.

Por isso a necessidade de defendermos as políticas educacionais afirmativas e de revertermos as nossas atitudes nas escolas para que as crianças vivenciem uma educação que busque a transformação deste cenário de desigualdades. E escrevi a posição de Djamila Ribeiro, no *Pequeno manual antirracista* (2019, p. 36), em que ela afirma que “Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva a inércia, a responsabilidade leva à ação”. Com isso, afirmo a necessidade de agirmos, pois fomos nós brancas e brancos que criamos o racismo, portanto cabe a nós eliminá-lo. E que para isso não basta não ser racista; é preciso ser antirracista.

A proposta da terceira carta era escrever para uma criança comentando sobre questões de gênero. Como embasamento assistimos dois curtas-metragens: *Zaga de bonecas* e *In a heartbeat*. O primeiro mostra a reação de um grupo de meninas, moradoras numa favela de Belo Horizonte (MG), ao serem impedidas pelos meninos de continuar jogando futebol e que deveriam “brincar de bonecas”. O segundo mostra o amor e admiração que um menino sente pelo outro, e a luta dele em tentar esconder e se livrar



desse sentimento, diante dos preconceitos. No final, os dois se encontram e se aceitam amorosamente.

Iniciei a carta escrevendo o poema *Fraseador*, de Manoel de Barros, destacando que quando menino ele sonhava em ser fraseador, e não doutor. E que mesmo com opiniões contrárias ao seu desejo, ele hoje é considerado um dos mais importantes poetas brasileiros porque nunca desistiu de ser o que queria ser. A ideia do poema se relaciona, mesmo que não diretamente, com o conteúdo do primeiro curta-metragem, que evidencia, em função dos estereótipos de gênero, como as crianças devem ser e agir, o que tende a levá-las a seguir o modelo de vida que a sociedade inventa e toma como “certo” e como “norma” a ser seguida.

Dissertei também acerca do uso das roupas para as crianças, que são em sua maioria, rosa para as meninas e azul para os meninos, assim como os brinquedos que remetem a serviços domésticos, maternais e passivos para as meninas (panelas, vassouras, bonecas) e ativos, criativos e relacionados a profissões para os meninos (bola, blocos de montar, aviões etc). Destaquei que essas ações minimizam e oprimem a capacidade que as meninas têm de conquistar o que desejam, e que essas questões devem ser conversadas com as crianças desde pequenas, respeitando as suas capacidades de compreensão, suas indagações e seus pontos de vista.

O debate ocorrido sobre a terceira carta se deu, principalmente, acerca do curta-metragem *Zaga de Bonecas*, e então os professores relataram um silenciamento da turma sobre a temática abordada em *In a heartbeat*, ou seja, sobre as relações LGBTQI+. Surgiram, com isso, as provocações e os “porquês” deste “apagamento”. Por que silenciamos diante dessas relações e dos assassinatos corriqueiros das pessoas LGBTQI+? Por que nos calamos ao tentar conversar com as crianças sobre o tema? O que representa para nós este silêncio? Continuaremos a nos calar nas escolas? Qual será a nossa posição diante das famílias formadas por duas mães ou dois pais? Fomos desafiadas a refletir sobre a importância de dar voz àquilo que está silenciado. A pensar em “descomplicar” o tema para conversar com as crianças sem abandonar a complexidade do mesmo. Fomos provocadas a pensar na importância de encontrar alternativas para desconstruir a heteronormatividade aceitando e dando abertura às multiplicidades de gêneros.



Precisamos pensar que o nosso papel, enquanto professoras, é educar as crianças desde cedo, e que além delas, educamos as suas famílias e os demais envolvidos no convívio das crianças. Portanto, é preciso estudar mais, ter clareza dos conceitos e pensar que o nosso compromisso é educativo, social, político e humano; o que nos leva a trazer todos para perto de nós e seguir na luta para que as diferenças jamais sejam motivo para segregar as pessoas.

Considerações finais

Ao refletir sobre este relato de experiência ocorrido na disciplina “Leituras de Infâncias”, pude perceber quanto têm sido enriquecedor para a minha formação assistir os curtas-metragens e debater sobre as temáticas com as colegas e com os professores. Destaco que além de enriquecedor, têm sido muito desafiador escrever sobre temas complexos e pensar em como abordá-los com as crianças retirando-me da posição adultocêntrica de que as crianças pouco compreendem determinados temas. Para avançar nessa questão, é preciso abrir espaço para o debate, e, principalmente, escutar o que elas têm a dizer e reconhecer seus pontos de vista sobre as mais diversas temáticas que atravessam a escola, a cultura e as nossas vidas.

Com isso, é importante destacar que outras discussões serão provocadas na disciplina “Leituras de Infâncias”, visto que ainda estão previstas cartas endereçadas para movimentos sociais organizados dos indígenas e dos quilombolas. Portanto, os debates e os desafios não se esgotam neste relato, tampouco na disciplina. Eles precisam ser dialogados com as crianças, com as escolas, com as famílias, com as comunidades, com a universidade. São as formações dessas redes comprometidas com a ciência, com a criticidade, com a aceitação e com a amorosidade, que poderão, juntas, buscar a transformação de uma sociedade mais justa e respeitosa com todos.

Palavras-chave: Infâncias, Cartas, Curtas-metragens.

Referências



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



BARROS, Manoel de. Fraseador. In: **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

Carnaval dos Deuses. Tata Amaral (produtora). São Paulo: SESC, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtOV6W7B_wA>. Acesso em 20 ago. 2021.

Dudu e o lápis cor da pele. RODRIGUES, Miguel (produtor). Brasília: Agência Nacional do Cinema (ANCINE), 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U> Acesso em 14 de set. 2021.

Hair love - Amor pelo cabelo. Matthew A. Cherry (produtor). Califórnia: Sony Pictures Animation, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28

In a Heartbeat. Beth David; Esteban Bravo (produtores). Sarasota (Flórida): Ringling College of Art and Design, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2REkk9SCRn0>. Acesso em 17 set. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Zaga de bonecas. LIMA, Anderson (produtor). Belo Horizonte: Lado B-Eco Filmes, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=REmdo0AYvjE>> Acesso em 17 set. 2021.